

Interpretação de pronomes e aquisição de dependências referenciais em português L2

Alexandra Fiéis, Ana Madeira
CLUNL/FCSH-Universidade Nova de Lisboa

Abstract:

This study investigates whether L2 learners of (European) Portuguese display asymmetries in their comprehension of reflexive and non-reflexive pronouns, as has been found in L2 English (e.g., Kim, Montrul & Yoon, 2014). Forty-one intermediate learners of L2 Portuguese, who were L1 speakers of Spanish, English and Chinese, completed a truth-value judgement task (Silva, 2015) testing both reflexive and non-reflexive object clitics. The three groups achieved targetlike results in their interpretation of both types of pronouns. These findings indicate that, unlike strong pronouns, clitic pronouns pose no difficulties for learners, which suggests that, as previously shown for L1 acquisition (e.g., McKee, 1992), the grammatical status of pronouns (strong vs. clitic) is also relevant in L2 acquisition.

Keywords: pronomes, português L2, dependências referenciais, compreensão

Palavras-chave: pronouns, L2 Portuguese, referential dependencies, comprehension

1. Introdução

O objetivo deste artigo é contribuir para compreender como se desenvolve o conhecimento de certas dependências referenciais na aquisição de português europeu (PE) L2. Sabe-se que existem assimetrias relativamente a certas dependências sintáticas que envolvem pronomes, na aquisição quer L1 quer de L2 – nomeadamente, em línguas como o inglês, os pronomes não-reflexos são de aquisição mais tardia do que os reflexos (e.g. Chien & Wexler, 1990; Kim, Montrul & Yoon, 2014), embora, no caso da aquisição de L2, certas propriedades dos reflexos que não ocorrem na L1 possam também apresentar dificuldades para os aprendentes (Domínguez, Hicks & Song, 2012; Kim, Montrul & Yoon, 2005). No entanto, diversos estudos têm mostrado que, por exemplo, na aquisição de italiano e PE L1, não se observa qualquer assimetria entre pronomes reflexos e não-reflexos (McKee, 1992; Cristóvão, 2006); nestas línguas, o que se verifica é antes uma assimetria na interpretação de pronomes fortes (de aquisição tardia) e



pronomes clíticos (que são adquiridos cedo) (e.g., Grolla, 2006; Costa & Ambulate, 2010; Silva, 2011, 2015). Assim, existe evidência de que: (i) certas dependências são adquiridas mais tarde do que outras, podendo, no caso da L2, nunca ser plenamente adquiridas; (ii) as dificuldades na aquisição de certas propriedades se manifestam em algumas línguas, mas não noutras. Além disso, neste domínio, os resultados obtidos em certos estudos, que sugerem dificuldades por parte dos aprendentes, poderão ser condicionados pelo tipo de metodologia empregue, não sendo necessariamente indicativos de défices na competência dos falantes (White et al, 1997).

Considerando estas questões, o nosso objetivo específico, neste trabalho, é testar o conhecimento, em PE L2, de dependências referenciais que envolvem pronomes clíticos, através de uma tarefa de compreensão que foi utilizada na aquisição de PE L1 (Silva, 2011, 2015). O objetivo a médio e longo prazo é alargar esta investigação a outros pronomes em posição de objeto, nomeadamente, pronomes fortes, e a outros contextos, nomeadamente, contextos de ligação não-local.

O artigo está organizado do seguinte modo: na secção 2, apresentamos a revisão da literatura sobre aquisição de dependências referenciais em L1 e L2; na secção 3, descrevemos a metodologia e os resultados do estudo; a discussão e as conclusões são apresentadas na secção 4.

2. Aquisição de pronomes em L1 e L2

Na aquisição de L1, o conhecimento de certas dependências referenciais desenvolve-se tardiamente. Em particular, diversos estudos mostram que o conhecimento dos pronomes, em línguas como o inglês, se desenvolve mais tardiamente do que o das anáforas (Chien & Wexler, 1990; Grodzinsky & Reinhart, 1993). Tal poderá dever-se ao facto de a interpretação dos pronomes requerer a integração de diversos tipos de informação, i.e. o conhecimento tanto das suas propriedades sintáticas como das condições discursivas que regem a sua distribuição e interpretação, enquanto as anáforas envolvem apenas conhecimento de princípios de ligação (neste caso, o princípio A).

Contudo, a dificuldade que se observa na aquisição dos pronomes em línguas como o inglês não se verifica em todas as línguas. Em italiano (e.g., McKee, 1992) e em PE (e.g., Cristóvão,



2006), por exemplo, não se regista qualquer assimetria na interpretação de pronomes e anáforas em posição de complemento em frases como as ilustradas em (1):

- (1)a. A menina penteia-a?
 b. A menina penteia-se? (Cristóvão, 2006:66)

Assim, o que se observa nestas línguas é uma assimetria entre pronomes fortes (2a), que ocorrem em contextos preposicionais, e pronomes clíticos (2b), sendo os primeiros adquiridos mais tarde do que os segundos (e.g., Costa & Ambulate, 2010; Silva, 2011, 2015). Em PE, isto observa-se independentemente do estatuto (reflexo ou não-reflexo) do pronome forte.

- (2)a. O coelho está a apontar para si? (Silva, 2011:543)
 b. O cão está a lamber-se? (idem:539)

Esta assimetria explica também as diferenças que se verificam entre o PE e o português brasileiro (PB): enquanto, como vimos, as crianças não apresentam dificuldades na interpretação de pronomes (clíticos) em PE (Cristóvão, 2006), já em PB, em que, tal como em inglês, os pronomes são realizados como fortes, as crianças apresentam dificuldades na sua interpretação (Grolla, 2006). De acordo com a proposta desta autora, os pronomes fortes são inseridos pós-sintaticamente e requerem uma operação complexa de comparação entre estruturas alternativas, que causam dificuldades de processamento.

Diversos trabalhos sobre a aquisição de pronomes em L2 que comparam a interpretação de reflexos e não-reflexos têm também mostrado que existem assimetrias na aquisição destes dois tipos de pronomes, o que vai ao encontro do que observámos para a aquisição de L1. Por exemplo, Kim, Montrul & Yoon (2014) investigam aprendentes de inglês L2 (coreano L1) de nível avançado e concluem que os aprendentes não têm dificuldades na interpretação de expressões anafóricas; já a interpretação de pronomes não-reflexos revela-se problemática, o que os autores atribuem a dificuldades na integração de conhecimento sintático e discursivo.



3. O estudo

Em trabalho anterior, mostrámos que os falantes não-nativos, em particular, falantes de línguas sem clíticos, como é o caso do chinês, desenvolvem conhecimento dos pronomes clíticos em PE tardiamente, apresentando taxas elevadas de omissão, particularmente em contextos não-reflexos (Fiéis & Madeira, 2015). Embora não manifestem, aparentemente, problemas na compreensão de clíticos não-reflexos, não existem dados suficientes que nos permitam afirmar que este é um domínio em que não se observam dificuldades e, em particular, se o estatuto do pronome (reflexo ou não-reflexo) é relevante.

No presente estudo, iremos, então, investigar se, à semelhança do que acontece em português L1, os aprendentes de português L2 não apresentam dificuldades na interpretação de pronomes clíticos, reflexos e não-reflexos. Se se observarem dificuldades, é importante tentar perceber em que medida é que estas são determinadas pela L1 dos aprendentes. Com este objetivo em mente, seleccionámos para participação no estudo falantes nativos de inglês e de chinês (línguas sem clíticos) e de espanhol (língua com clíticos).

3.1. Metodologia

Recorreu-se a uma tarefa de juízos de valor de verdade, adaptada de Silva (2011, 2015). Nos pontos seguintes, descreve-se a metodologia seguida – a tarefa, os procedimentos e os participantes do estudo – e apresentam-se as hipóteses.

3.1.1. Tarefa

A tarefa de juízos de valor de verdade utilizada foi adaptada para falantes adultos. Foram testados verbos transitivos em contexto de frase simples, para testar a compreensão de pronomes clíticos de objeto (acusativos, 3ª pessoa do singular). O teste era composto por 40 itens de teste: 20 reflexos (10 verdadeiros e 10 falsos) e 20 não-reflexos (10 verdadeiros e 10 falsos). Foram ainda incluídos 8 distratores, que continham DP plenos.

Apresentamos exemplos dos itens de teste utilizados para as quatro condições testadas: (A) resposta verdadeira com clítico reflexo; (B) resposta falsa com clítico reflexo; (C) resposta



verdadeira com clítico acusativo; e (D) resposta falsa com clítico acusativo. Note-se que, antes da apresentação do item de teste, eram sempre introduzidos, no contexto discursivo, dois antecedentes potenciais, correspondentes às duas figuras que apareciam na imagem.

(A)



Uma menina e uma avó. A menina está a lavar-se?

Exemplo de item da tarefa de juízos de valor de verdade – reflexo (verdadeiro)

(B)



Uma menina e uma avó. A menina está a secar-se?

Exemplo de item da tarefa de juízos de valor de verdade – reflexo (falso)

(C)



Uma avó e uma menina. A avó está a penteá-la?

Exemplo de item da tarefa de juízos de valor de verdade – não-reflexo (verdadeiro)

(D)



Um menino e um avô. O menino está a secá-lo?

Exemplo de item da tarefa de juízos de valor de verdade – não-reflexo (falso)



3.1.2. Procedimentos

Os participantes observavam uma imagem projetada, correspondendo ao item a testar, e ouviam um estímulo oral, que era também apresentado por escrito na folha de resposta. A tarefa foi realizada em grupo e tinha tempo limite de realização. As respostas foram registadas pelos próprios participantes numa folha de resposta.

3.1.3. Participantes

A tabela 1 apresenta as características dos três grupos de aprendentes. Como foi referido acima, os participantes são aprendentes adultos de PE, com nível de proficiência intermédio: 14 falantes nativos de chinês, 13 falantes de inglês e 14 de espanhol. Todos os participantes do grupo de chinês L1 têm inglês como L2, à exceção de um, que não dá essa indicação. O grupo de inglês L1 é o que apresenta maior diversidade de outras L2, como se pode observar na tabela: espanhol, italiano, francês, árabe, hindi e concani. É de salientar que todos os falantes nativos de inglês falam já uma língua românica. Quanto ao grupo de espanhol L1, têm o inglês, o francês e o basco como outras L2 (4 informantes, no entanto, não dão qualquer indicação de outras línguas).

Relativamente ao grupo de controlo, é constituído por 12 falantes nativos de PE, com idades compreendidas entre os 18 e os 62 anos (média: 33,9).

	Idade	Idade de início de aprendizagem	Outras
chinês L1 (n=14)	19-22 (19,9)	18-20 (18,7)	inglês
inglês L1 (n=13)	20-70 (27)	18-54 (23,1)	espanhol (n=10), francês (n=5), italiano (n=1) árabe, hindi e concani (n=2)
espanhol L1 (n=14)	19-57 (27,5)	16-55 (22,5)	inglês (n=9), francês (n=2), basco (n=1)

Tabela 1: Participantes no estudo



3.1.4. Hipóteses

Com base no que se sabe sobre outras línguas relativamente à aquisição de pronomes, colocámos as seguintes hipóteses:

- (1) Tal como na aquisição de L1, espera-se que, em contexto de frase simples, os falantes de PE L2 não apresentem assimetrias na interpretação de pronomes clíticos, quer reflexos quer não-reflexos. Prediz-se, pois, que ocorram taxas de acerto elevadas em todas as condições de teste (clítico reflexo e não-reflexo), para todos os grupos.
- (2) Em contexto de frase simples, não se esperam também assimetrias determinadas pela L1 dos aprendentes. Prediz-se, pois, que não haja diferenças nas taxas de acerto entre os três grupos de teste.

3.2. Resultados

Os resultados globais da tarefa mostram, como se pode ver na figura 1, que todos os grupos apresentam taxas de acerto perto dos 100%, ou seja, um número elevado de respostas-alvo em todas as condições testadas, o que confirma as nossas predições.

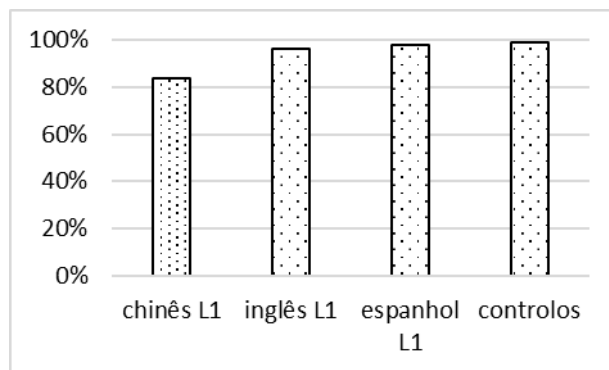


Figura 1: Resultados globais da tarefa de juízos de valor de verdade

Apenas o grupo de chinês apresenta taxas mais elevadas de respostas não-alvo, ainda que pouco significativas (cerca de 16%). Para tentar perceber se estes resultados seriam relevantes,



tentámos averiguar se haveria diferenças nos resultados do grupo de chinês L1, quando considerados individualmente. Na figura 2, apresentam-se os resultados individuais do grupo de chinês, que mostram taxas de acerto entre 47.5% (apenas dois informantes) e 95%. Comparando estes resultados com os resultados dos outros dois grupos, verifica-se que tanto o grupo de inglês L1 como o de espanhol L1 exibem um comportamento mais homogéneo no que diz respeito a taxas de acerto: entre 84% e 100% no grupo de inglês L1 e entre 92% e 100% no grupo de espanhol L1.

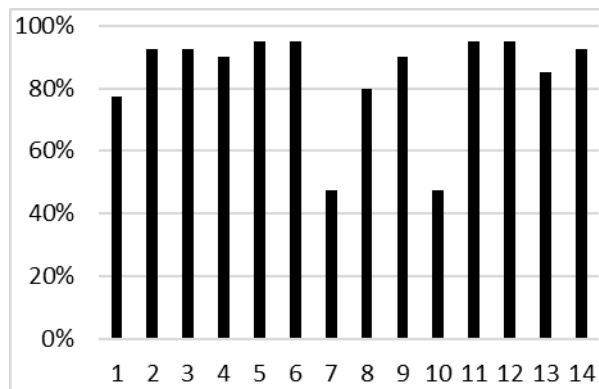


Figura 2: Resultados individuais do grupo de falantes de chinês L1

Quando considerados os resultados por tipo de resposta (ver figura 3), o grupo de chinês, de modo geral, demonstra mais facilidade em aceitar interpretações verdadeiras do que em rejeitar interpretações falsas. Mais uma vez, este grupo contrasta com os outros dois grupos de aprendentes, que apresentam taxas elevadas quer de aceitação de interpretações verdadeiras quer de rejeição de interpretações falsas.

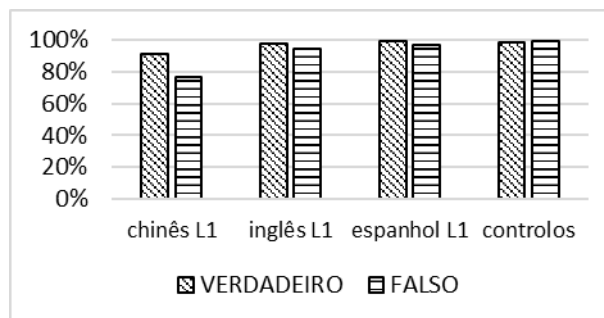


Figura 3: Resultados globais por tipo de resposta



Relativamente ao estatuto do pronome, e considerados os resultados globais, procurou-se também aferir se existem assimetrias entre reflexos e não-reflexos. Estes resultados apresentam-se nas figuras 4 e 5, respetivamente.

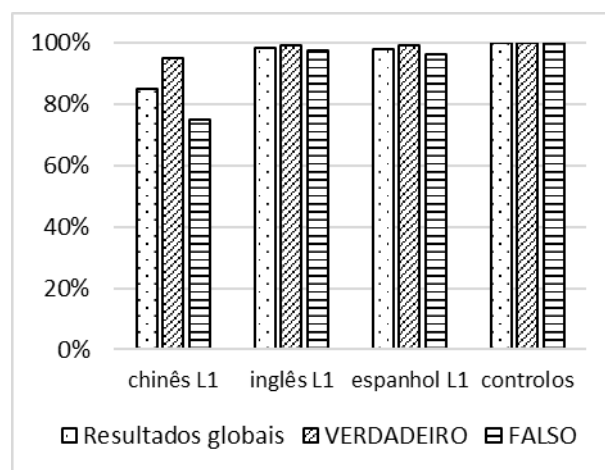


Figura 4: Pronomes não-reflexos

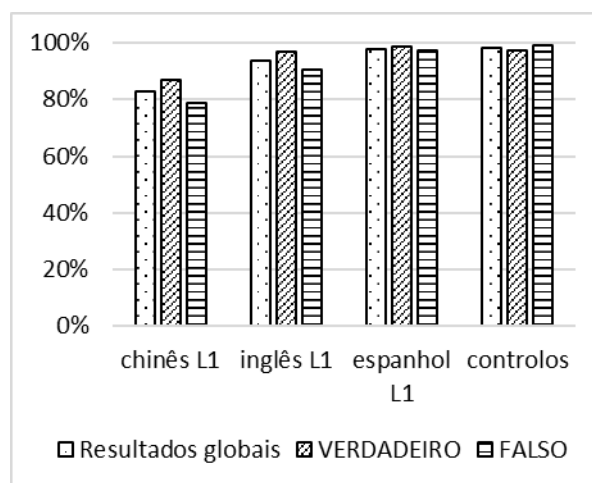


Figura 5: Pronomes reflexos

Como esperado, observam-se taxas de acerto elevadas em todas as condições testadas (clítico reflexo e não-reflexo) nos grupos de espanhol e de inglês. O grupo de chinês, mais uma vez,



exibe um comportamento diferente quer dos outros dois grupos de aprendentes quer do grupo de controlo, apresentando taxas de acerto mais baixas em todas as condições.

4. Discussão e conclusões

Os resultados que acabamos de descrever mostram que, em compreensão, as dependências referenciais que envolvem pronomes clíticos se desenvolvem precocemente em PE L2 (ao contrário do que se observa em dados de produção). Em frases simples com um único argumento (mas com dois antecedentes possíveis), os falantes não-nativos não revelam dificuldades na interpretação de pronomes clíticos, tal como se verifica para o PE L1, o que mostra que os princípios da ligação estão adquiridos no nível intermédio. Tal como tínhamos predito, observam-se taxas de acerto elevadas quer com clíticos reflexos quer com não-reflexos em todos os grupos, o que confirma a hipótese de que não há assimetrias na interpretação destes pronomes. Uma comparação entre os resultados obtidos neste estudo e os descritos em Kim, Montrul & Yoon (2014) sugere que, tal como se tem observado na aquisição de L1, também na aquisição de L2 o estatuto gramatical do pronome é um fator relevante – ao contrário dos pronomes fortes, os pronomes clíticos, que são legitimados na sintaxe, não colocam dificuldades aos falantes não-nativos.

Os resultados também confirmam a predição de que não há diferenças nas taxas de acerto entre os três grupos de teste, ou seja, mostram que não há evidência de efeitos significativos de influência da L1 no desempenho dos aprendentes. Ainda que se observem algumas diferenças entre o grupo de chinês L1 e os outros dois grupos – taxas globais de acerto inferiores, maior variação individual e assimetrias na aceitação de interpretações verdadeiras e falsas –, este grupo apresenta resultados próximos do alvo no que diz respeito à interpretação de clíticos reflexos e não-reflexos. Deste modo, podemos considerar que a L1 tem um efeito facilitador neste processo, no caso dos falantes nativos de espanhol (uma língua com clíticos). Da mesma forma, a influência de outras L2 poderá explicar os resultados dos falantes nativos de inglês, uma vez que, como referimos, todos falam línguas com clíticos. As diferenças observadas entre os grupos



poderão, pois, ser atribuídas a diferentes ritmos de aquisição, que refletem a influência das suas L1 ou de outras L2.

Ficam ainda muitas questões em aberto, nomeadamente, questões relacionadas com a relevância do estatuto gramatical do pronome – tal como observado para a aquisição de L1, serão esperadas dificuldades na interpretação de pronomes fortes na aquisição de L2? Além disso, sabendo-se que línguas como o chinês permitem ligação de longa distância, será que o contexto sintático é relevante na interpretação de anáforas para falantes nativos destas línguas? Outra questão em aberto refere-se à relevância da posição do antecedente – será que se observam assimetrias consoante o antecedente ocupe a posição de sujeito ou de complemento? Procuraremos encontrar resposta para estas questões em trabalho futuro.

Referências

- Chien, Yu-Chin & Ken Wexler (1990) Children's knowledge of locality conditions in binding as evidence for the modularity of syntax and pragmatics. *Language Acquisition* 1 (3), pp. 225-295.
- Costa, João & Joana Ambulate (2010) The acquisition of embedded subject pronouns in European Portuguese. In Michael Iverson, Ivan Ivanov, Tiffany Judy, Jason Rothman, Roumyana Slabakova & Marta Tryzna (orgs.) *Proceedings of the 2009 Mind/Context Divide Workshop*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, pp. 1-12.
- Cristóvão, Sandra (2006) *A co-referência nos pronomes objecto directo na aquisição do português europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Domínguez, Laura, Glyn Hicks & Hee-Jeong Song (2012) Untangling Locality and Orientation Constraints in the L2 Acquisition of Anaphoric Binding: A Feature-Based Approach. *Language Acquisition* 19(4), pp. 266-300.



- Fiéis, Alexandra & Ana Madeira (2015) Clíticos e objetos nulos na aquisição de português L2. *Textos Seleccionados do XXX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Braga: APL, pp. 307-320.
- Grodzinsky, Yosef & Tanya Reinhart (1993) The innateness of binding and coreference. *Linguistic Inquiry* 24 (1), pp. 69-101.
- Grolla, Elaine (2006) The acquisition of A- and A'-bound pronouns in Brazilian Portuguese. In Vincent Torrens & Linda Escobar (orgs.) *The acquisition of syntax in Romance languages*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 227-250.
- Kim, Eunah, Silvina Montrul & James Yoon (2014) The on-line processing of binding principles in second language acquisition: Evidence from eye tracking. *Applied Psycholinguistics* 36 (6), pp. 1317-1374.
- Kim, Ji-Hye, Silvina Montrul & James Yoon (2005) Binding interpretations by Korean heritage speakers and adult L2 learners of Korean. *Online supplement to the Proceedings of the 29th Boston University Conference on Language Development*. Somerville, MA: Cascadilla Press (available at <http://www.bu.edu/buclid/files/2011/05/29-KimBUCLD2004.pdf>).
- McKee, Cecile (1992) A Comparison of Pronouns and Anaphors in Italian and English Acquisition. *Language Acquisition* 2(1), pp. 21-54.
- Silva, Carolina (2015) *Interpretation of clitic, strong and null pronouns in the acquisition of European Portuguese*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, Carolina (2011) Interpretação de clíticos e de pronomes fortes complemento na aquisição do português europeu. In Armanda Costa, Isabel Falé & Pilar Barbosa (orgs.) *Textos Seleccionados do XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística, pp. 534-548.
- White, Lydia, Joyce Bruhn-Garavito, Takako Kawasaki, Joe Pater & Philippe Prévost (1997) The Researcher Gave the Subject a Test about Himself: Problems of Ambiguity and Preference in the Investigation of Reflexive Binding. *Language Learning* 47 (1), pp. 145-172.

